

Réuniona foi expulso

SÃO PAULO (O GLOBO) —
O presidente do Conselho Permanente de Justiça da II Auditoria de Guerra expulsou da sala de audiências, ontem à tarde, o estudante Marcos Aurélio Ribeiro, quando se propedia à tomada de depoimento

da testemunha de acusação no processo do Ibiúna, Amador Navarro Barra. Em seguida, fez uma advertência aos outros réus e à assistência, no sentido de que se portasse com o respeito que o recinto requer.

Os estudantes José Trindade, Omar Laino, Franklin Martins, Válder Cover, Marcos Aurélio Ribeiro e Elenira Resende ouviram o depoimento da testemunha em silêncio, mas quando o advogado de defesa travou uma pequena discussão

com o promotor os réus tentaram convencer em alta voz. Foram advertidos pelo oficial de Justiça, a mando do Major Laurindo de Almeida, presidente do Conselho. Algum tempo depois, Marcos Aurélio Ribeiro insistiu na atitude desrespeitosa — e o Major Laurindo ordenou que fôsse conduzido para fora do recinto pelo oficial de Justiça e trancado numa sala especial.

Discussão

A testemunha confirmou o depoimento que fez à polícia. Foi inquirida, em seguida, por três advogados de defesa. Quando o advogado Aldo Lima e Silva perguntou o que Amador Barra sabia a respeito da realização do 29.º Congresso da Ex-UNE, realizado em agosto de 1967, o Promotor Durval Ayrton de Araújo impugnou a pergunta alegando que "o depoente é um policial, e na ocasião da prisão, apenas um condutor de presos. Não é obrigado a conhecer sobre os movimentos realizados anteriormente pela associação marginalizada, conhecida como UNE". Travou-se uma discussão acalorada quando o advogado pediu para contestar a impugnação e o promotor disse que esse ato não existe na processualística da Lei de Segurança. O Juiz-Auditor Aylton da Cunha Henriques interveio e, após breve preleção sobre problemas técnico-jurídicos, pediu serenidade às partes.

O depoimento de duas outras testemunhas — Catarino Cardoso e Henrique Pould foi transferido para ocasião a ser determinada, considerando o adiantado da hora. Pela mesma razão, não foi realizada a tomada de depoimento das testemunhas no processo a que responde o médico argentino Juan Antonio Sander, preso quando participava do malogrado congresso de Ibiúna.

Volta ao xadrez

Os estudantes, ex-líderes do movimento estudantil que tanta agitação causou e deu origem ao maior processo em número de indiciados da história da Justiça Militar em S. Paulo, seguiram escoltados por soldados da Força Pública fortemente armados, para os xadrezes de uma Delegacia Distrital. Ainda esta semana deverão ser transferidos para o Quartel do 2.º BC, em S. Vicente.

Elenira Resende voltou à sua cela no DOPS, e o médico argentino — o único que vestia uniforme de preso — para o xadrez da Casa de Detenção.

A assistência que ouviu o depoimento da testemunha, e que foi advertida pelo presidente do Conselho de Justiça, era composta de algumas moças, colegas dos réus e seus familiares.